

Espiritismo - Como tudo começou

2ª Parte

Sandro Cosso - Campinas/SP

As Mesas Girantes

Foi em 1854 que ouvi falar pela primeira vez em mesas girantes. Encontrando-me um dia com o Sr. Fortier, magnetizador que eu conhecia, havia muito, disse-me ele:

- Sabeis que se acaba de descobrir no magnetismo uma singular propriedade? Parece que não somente as pessoas que se magnetizam, mas, também, as mesas que giram e andam à nossa vontade.

- É com efeito, singular, respondi-lhe; mas isso não me parece rigorosamente impossível. O fluido magnético, espécie de electricidade, pode muito bem atuar sobre os corpos inertes e fazê-los mover.

As notícias dadas pelos jornais de experiências feitas em Nantes, Marselha e outras cidades, não permitiam duvidar da realidade do fenômeno. Tempos depois, tornei a encontrar Fortier, que me disse:

- Mais extraordinário

do que fazer uma mesa girar e andar é fazê-la falar: perguntam e ela responde.

- Isso é outra questão, respondi-lhe. Só acreditarei se vir ou se me provarem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula. Até então, permita-me que considere isso história fabulosa.

**Apliquei a esta
ciência o método
experimental, não
aceitando teorias
preconcebidas**

Esse raciocínio era lógico. Eu compreendia a possibilidade do movimento por uma força mecânica, mas ignorava a causa e a lei do fenômeno. Parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa material. Coloquei-me na posição dos incrédulos dos nossos dias, que negam, porque não podem com-

preender os fatos.

Há 50 anos, se tivesse dito, pura e simplesmente a alguém que era possível a transmissão de um despacho a 500 léguas, e a recepção da resposta, dentro de uma hora, obter-se-ia uma gargalhada em troca, aliás bem firmada em razões científicas, que provavam a impossibilidade material do fato. Hoje, que a lei da electricidade é conhecida, ninguém o contesta, nem mesmo um campônio. O mesmo acontece aos fenômenos espíritas.

Para quem não conhece a lei que os rege, parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por conseguinte, impossíveis e ridículos. Conhecida, porém, essa lei, desaparece o maravilhoso e eles não têm mais nada que repugne a razão, porque se lhe compreende a possibilidade.

Eu achava-me, pois, diante de um fato contrário às leis conhecidas da natureza e repugnante à minha razão. Ainda não tinha visto, nem obser- ▶

Prancheta ou cesta com lápis amarrado (Corbeille toupie), utilizada para a comunicação com os espíritos.

vado nenhum caso. As experiências feitas na presença de pessoas acima de toda a suspeição e dignas de maior fé, não me permitiam duvidar do efeito puramente material; mas a idéia de uma mesa falante não podia entrar em meu cérebro.

**Só acreditarei
se me provarem que
a mesa tem cérebro
para pensar, nervos
para sentir e que
pode tornar-se
sonâmbula**

No ano seguinte, em princípios de 1855, encontrei o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que, com o entusiasmo, que despertam as idéias novas, falou-me dos fenômenos que me preocupavam. O Sr. Carlotti era corso (da Córsega - ilha francesa do Mediterrâneo) de natureza ardente e enérgica, e eu sempre estimei nele as qualidades, que distinguem uma grande e bela alma, mas desconfiava da sua exaltação. Foi ele quem primeiro me falou da comunicação dos Espíritos, contando-me tantas coisas surpreendentes, que, longe de me convencerem,

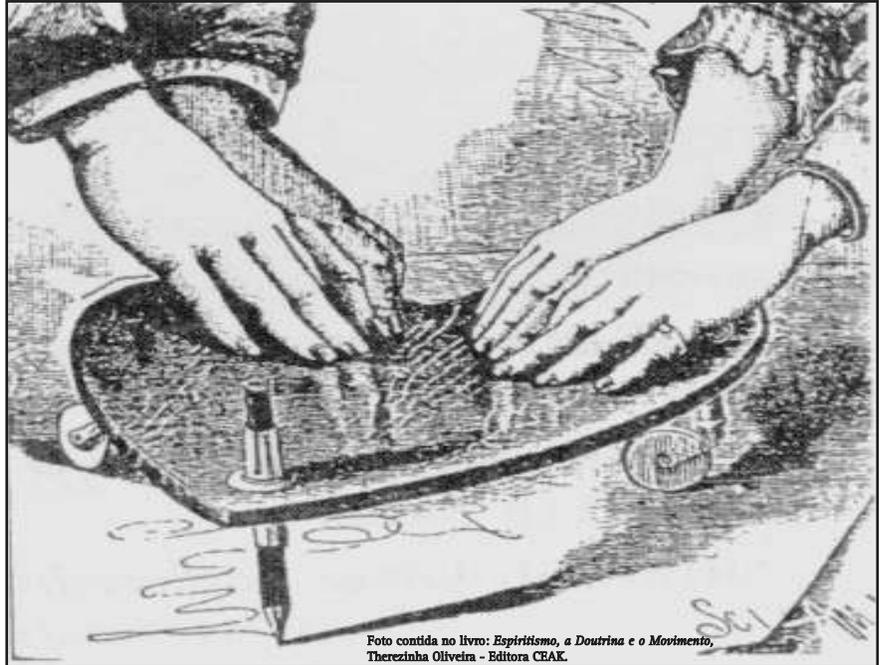


Foto contida no livro: *Espiritismo, a Doutrina e o Movimento*, Therezinha Oliveira - Editora CEAQ.

aumentaram as minhas dúvidas.

- Um dia serás dos nossos. Disse-me, e eu respondi-lhe:

- Não digo que não, veremos mais tarde.

Algum tempo depois, em maio de 1855, fui à casa da Sr.^a Roger, sonâmbula, em companhia de Fortier, seu magnetizador. Ali encontrei o Sr. Pâtier e a Sr.^a de Plainemaison, que me falaram no mesmo sentido que Carlotti, mas em outro tom.

O Sr. Pâtier era empregado público, homem de meia idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo. A sua linguagem comovida, isenta de entusiasmo, produziu-me viva impressão, e, quando me convidou para assistir às experiências que se realizavam em casa da Sr.^a Plainemaison, na Rua

Batelière, 18, aceitei o convite com sumo prazer. Emprazamos para terça-feira, às oito horas da noite. Ali, pela primeira vez, fui testemunha do fenômeno das mesas que giram, saltam e correm, e o fui em condições de não poder alimentar dúvida. Vi, também, alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica em uma ardósia, com o auxílio de uma cesta.

**não admitia
por valiosa uma
explicação, senão
quando ela podia
resolver todas as
dificuldades
da questão**

Longe estava eu de firmar minhas idéias mas ali se deparava um fato, que deveria ter ►

uma causa. Entrevi, oculto, naquelas futilidades aparentes, e entre aqueles fenômenos, de que se fazia um passatempo, algo de muito sério, talvez a revelação de uma nova lei, que fiz o propósito de descobrir. Bem cedo tive ocasião de observar mais atentamente do que até então o havia feito.

Estudando o Fenômeno

Em uma das sessões da Sr^a. Plainemaison, travei relações com a família Baudin, que morava na Rua Rochecourt. O Sr. Baudin convidou-me para as suas sessões semanais, nas quais fui assíduo. As reuniões eram muito numerosas, admitindo-se quem quer que o pedisse, além das pessoas habituais. As duas médiuns eram as

**Observava
atentamente,
comparava e deduzia
as conseqüências,
dos efeitos procurava
elevar-me às causas,
pela dedução e
encadeamento
dos fatos**

Srtas. Baudin, que escreviam numa pedra, com o auxílio da cesta, chamada toupie (a cesta), descrita em *O Livro dos Médiuns*.

Esse método, que exige o concurso de duas pessoas, ex-

clui toda a possibilidade de participação das idéias do médium. Por ele vi comunicações seguidas e respostas dadas não só a perguntas que eram propostas, como até a mentais, facto que denunciava, em toda a evidência, a intervenção de inteligência estranha.

Os assuntos aí tratados eram geralmente frívolos, ocupavam-se principalmente de coisas da vida material, nada verdadeiramente sério, sendo a curiosidade e o passatempo o principal móvel dos assistentes. O Espírito que se manifestava habitualmente, dava o nome de Zéfiro, de acordo com seu caráter e com o da reunião; entretanto, era muito bom e tinha-se declarado protetor da família. Se quase sempre fazia rir, sabia, a propósito, dar bons conselhos e manejar, convenientemente, o epigrama mordaz e espirituoso.

Em pouco nos relacionamos e ele deu-me constantes provas de grande simpatia. Não era muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por espíritos superiores, ajudou-me nos meus primeiros trabalhos. Depois disse-me que devia reencarnar, e nunca mais tive notícias suas.

Foi ali que fiz meus primeiros estudos sérios sobre Espiritismo, não tanto pelas revelações, como pelas observações. Apliquei a esta ciência o método experimental, não aceitando teorias preconcebidas, e

observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências, dos efeitos procurava elevar-me às causas, pela dedução e encadeamento dos factos, não admitindo por valiosa uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus anteriores trabalhos, desde 15 anos.

**Cumpria-me
proceder com
circunspecção e
não levianamente,
ser positivo e não
idealista para não
me deixar levar
pelas ilusões**

Compreendi logo a gravidade da tarefa que ia empreender, e entrevi naqueles fenômenos a chave do problema, tão obscuro e tão controvertido, do passado e do futuro da humanidade, cuja solução vivi sempre a procurar; era, enfim, uma revolução completa nas idéias e nas crenças do mundo.

Cumpria-me, pois, proceder com circunspecção e não levianamente, ser positivo e não idealista para não me deixar levar pelas ilusões”.

Continua no próximo número.

